

Saúde investiga desvios de verbas em cada estado

JORNAL DE BRASÍLIA

Marcio Batista

O Ministério da Saúde está enviando 20 auditores para cada estado, com a finalidade de realizar uma verdadeira devassa fiscal no sistema de distribuição de verbas da área de saúde. O investimento em saúde fica em torno de Cr\$ 110 bilhões mensais, fora mão-de-obra, e há várias denúncias de que parte deste montante é desviada.

"Quero fazer no País o mesmo que fiz no Paraná, onde até médicos foram para a cadeia", disse o ministro Alcení Guerra. No máximo em três meses, segundo ele, estes auditores deverão apresentar um quadro completo sobre a distribuição de recursos.

Prioridade

Alcení Guerra disse que a meta deste governo é fortalecer o setor hospitalar público e que esta auditoria vai constatar se as verbas estão realmente chegando em seus destinos. Ele negou que o governo tenha a intenção de privatizar a saúde, como deram a entender algumas matérias veiculadas na imprensa, inclusive no *Jornal de Brasília*.

O ministro disse que a prova maior de que o governo dá ao setor de saúde mais prioridade é que os gastos com seguridade social, dentro do orçamento total em saúde, cresceram de 22% para 40,2% neste governo. Além disso, acabou com várias discriminações dentro do sistema, que só beneficiavam hospitais particulares.

Uma destas discriminações era o valor da Unidade de Cobertura Ambulancial (UCA), diferenciado para cada município, conforme o número de habitantes. Até janeiro o preço pago a um hospital, para cada tipo de paciente, era diferenciado. "Agora uma pneumonia vale a mesma coisa, em qualquer lugar", disse o ministro.

Também não existe mais o problema de um habitante de certa localidade não poder frequentar um hospital de outra localidade. Alcení Guerra acredita que o Sistema Único de Saúde (SUS) fique melhor ainda quando a auditoria estiver pronta e o sistema informatizado estiver funcionando em todos os estados.

Admirador

Segundo a Agência Estado, o projeto de privatização da saúde tem um admirador confesso, o secretário nacional de Previdência Complementar, Luiz Peixoto. Na ampla sala que ocupa no sexto andar do Ministério da Previdência Social, ele ouve diariamente todos os empresários, lobistas, parlamentares e sindicalistas que o procuram para falar sobre privatização. "O que pretendemos privatizar é tudo aquilo que envolva risco, e não a seguridade, que é um encargo social do Estado", explica ele.

Alcení Guerra lembra que seu Ministério está investindo Cr\$ 60 bilhões por mês. "Tudo isso para fortalecer o setor público", observou. Disse ainda que costuma rece-



O Ministro Alcení está enviando 20 auditores para cada Estado

ber várias sugestões para privatização, e algumas delas chegaram da Associação Médica Paulista e da Associação Médica Brasileira. "Sugeri que procurassem o Congresso", completou.

Já o secretário Luiz Peixoto se declara um articulador político. "Meu papel é estimular o debate sobre a privatização da saúde. Trata-se de uma discussão recente e o secretário não tem prazo para apresentar ao governo um projeto conclusivo. Mas alerta: não pretendo ficar sentado aqui por mais quatro anos ouvindo sugestões". Por enquanto ele ouve, e para isso tem recebido, em encontros fechados, empresários do porte de Mário Amato (presidente da Federação das Indústrias de São Paulo) e sindicalistas como Luiz Antônio Medeiros (presidente da Central de Trabalhadores Força Sindical), com quem discute a legislação trabalhista, a seguridade e a transferência do pagamento de seguros para a iniciativa privada.

Ministro acha as campanhas leves

O ministro da Saúde, Alcení Guerra, disse ontem que as campanhas contra Aids, veiculadas no País, podem ser consideradas "perfumaria", perto das campanhas realizadas nos países europeus ou nos Estados Unidos. O ministro rebate as críticas de que as campanhas brasileiras são muito fortes mas têm pouco impacto.

Alcení Guerra disse que o Ministério não é o responsável pelo conteúdo das propagandas. São 10 empresas de publicidade que cuidam do conteúdo e da veiculação. Mas ele rebate as críticas contra o Ministério.

Ele afirmou ainda que as grandes empresas que fazem propaganda nos Estados Unidos já fizeram pesquisas e concluíram que só as campanhas mais agressivas mostraram efeito a respeito da Aids.